

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIV Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento do Jesus, 4

20 de Janeiro de 1911

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1154

CHRONICA OCCIDENTAL

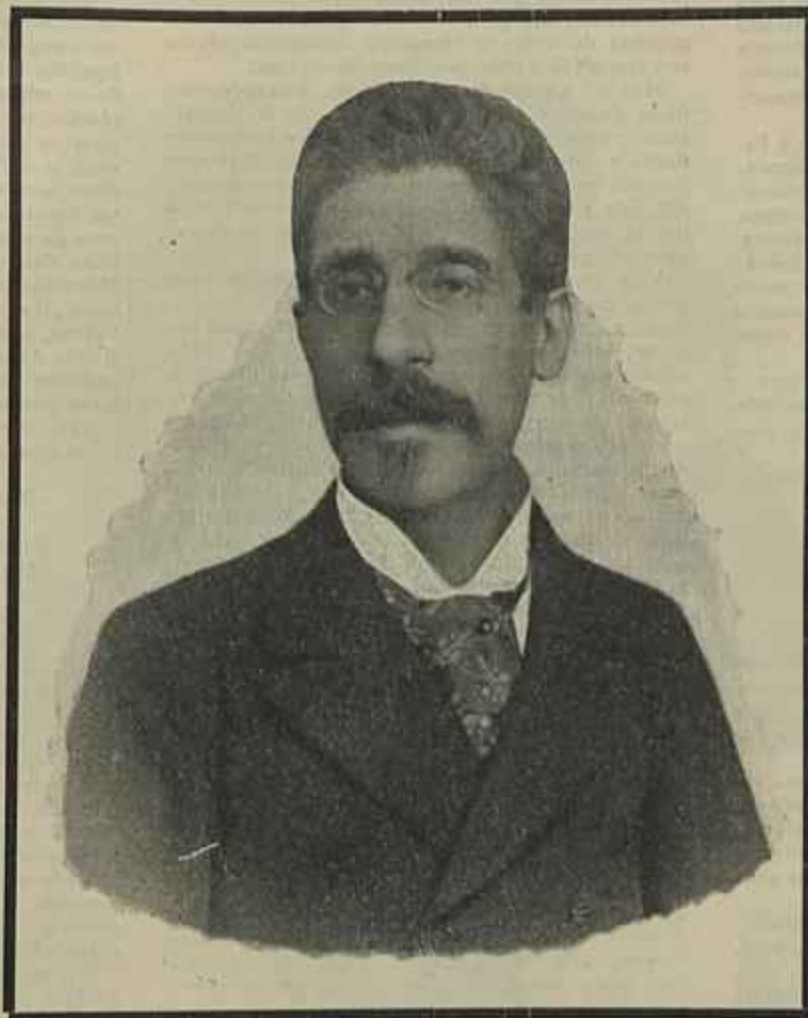
A morte de Sousa Viterbo

Quando este numero do OCCIDENTE apparecer, terá já partido, ou estará em vespera de partir, para o Rio de Janeiro, o primeiro ministro da Republica portugueza junto do governo da Republica brasileira

Na evolução politica do mundo contemporaneo, é facto historico, que não se póde contestar, a irresistivel tendencia para a unificação moral dos grupos ethnicos, que falam o mesmo idioma, podendo até por isso definir-se o dominio da lingua, na sua bella função social, como a patria espiritual de uma nacionalidade.

Nem os mais poderosos estados logram eximir-se a esta universal tendencia, em virtude da qual é legitimo prevêr-se como irremediavel, em futuro relativamente pouco distante, se não o desaparecimento, pelo menos a desintegração das pequenas nacionalidades que não consigam defender-se, pela massa dos seus habitantes, da absorção, consequencia fatal da lucta pela existencia, cada vez mais implacavel entre as grandes nações, cuja ancia de açambarcamento inquietam os agrupamentos secundarios, embora muito adeantados em cultura.

Portugal e Brazil, pela sua origem, historia e tradições, pela lingua que ambos falam, pela raça a que pertencem e pelos multiplices interesses que os ligam, sem embargo do glorioso facto consummado da independencia bra-

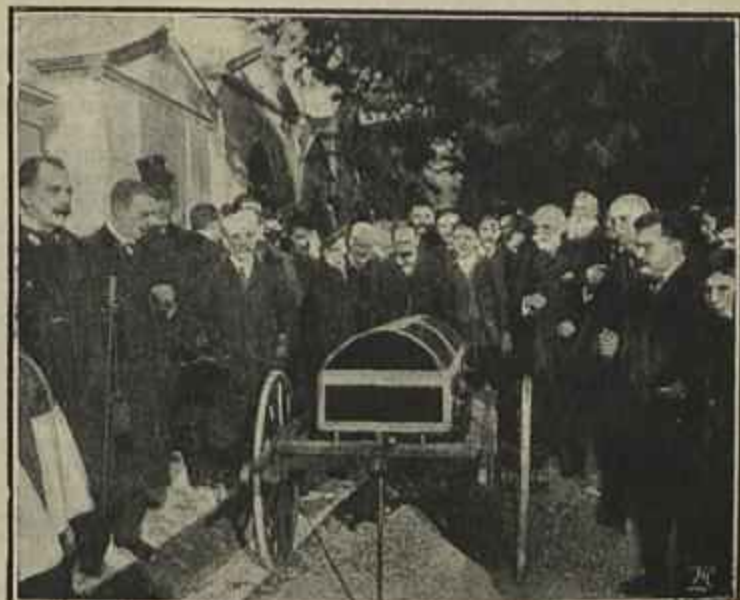


DR. SOUSA VITERBO

silica, e, não obstante, portanto serem duas soberanias politicas separadas e perfeitas, constituem em face das outras agremiações nacionaes e exoticas, um grupo áparte, nitidamente delimitado, com individualidade distincta e, por conseguinte, com um destino historico completamente autonomo, circumstancia a que o direito internacional não póde ficar estranho.

Na situação de isolamento reciproco, em que se encontram, as duas nações estão comprometendo a grandeza do papel primacial que deviam representar no mundo, com grave prejuizo dos interesses proprios e apenas com vantagem para as nações rivaes, que se aproveitam habilmente da desunião de ambos. A grande nação brasileira, não obstante os quasi illimitados recursos de que dispõe e as brilhantes qualidades dos seus filhos, que se estão impondo á consideração universal pela sua intelligencia e illustração, pelo seu patriotismo e pela sua actividade, corre o risco de se ir desnacionalizando pouco a pouco pela introdução, cada vez em mais larga escala de elementos de immigração estranhos ao seu caracter historico e até antipathicos á sua idiosyncrasia ethnica — provaveis causadores de futuras perturbações e de inevitaveis perigos para a União.

Ora este serio risco de desnacionalização lenta, mas segura, sómente o Brazil póde conjural-o pela approximação e relações cada vez mais estreitas com Portugal, possuidor ainda hoje de um rico e vastissimo imperio em Africa, de territorio reduzido na Europa, não ha duvida, mas berço de uma robusta e prolifica popu-



A FILHA DE SOUSA VITERBO NO FUNERAL DE SEU PAE — O TURNO DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO «DIARIO DE NOTICIAS»

lação largamente espalhada pelo mundo, de extraordinárias faculdades de adaptação e resistência, população indispensável — e não substituível por outra — para a conservação e pureza da raça nacional do Brasil.

O problema da gradual e progressiva fusão da numerosíssima colónia portuguesa, que vive no Brasil, com a terra que lhe dá tão generosa hospitalidade é para os futuros destinos da nacionalidade brasileira de capital e decisiva importância, mas sómente de solução integral possível quando as duas nações, hoje separadas e quasi estranhas uma á outra, se harmonizarem no superior interesse de uma fecunda aproximação.

Por outro lado, a economia nacional portuguesa só ao contacto íntimo da exuberante seiva brasileira pôde robustecer-se e tonificar-se, sendo, além d'isso, fecundíssimo campo para a nossa actividade material e progredimento moral as vastas regiões cobertas pela gloriosa bandeira auri-verde. Por isso, como verdade evidente, sem possibilidade de discussão sequer, a resolução definitiva do problema economico português depende grandemente — quaesquer que sejam os esforços, a sinceridade e a intelligencia que para ella se empreguem dentro das nossas estreitas fronteiras — de plenamente se realizar um forte e largo accordo luso-brasileiro, formula de renascimento mundial da nossa commum nacionalidade.

A tradicional alliança de Portugal com a Inglaterra, base da nossa situação politica internacional, assim como íntimas relações de cordealidade com as tres nações latinas, nossas irmãs, e com a Allemanha, nossa cooperadora em Africa, em coisa alguma são prejudicadas pela unificação moral de Portugal com o Brasil num pacto superior, permanente e *sui generis*, tal como o impõe os especialissimos laços fraternos entre as nações que falam a lingua portugueza.

Que sejam estas as altas idéas politicas que o novo ministro de Portugal leve na sua pesada bagagem para o Rio de Janeiro — eis o que a chronica deseja.

João PRUDÊNCIO.

SOSA VITERBO

Quando em 1903 (1) tracei aqui um rapido perfil deste benemerito escriptor e meu particularissimo amigo, mal cuidava eu então que havia, neste mesmo logar, vir prantear o seu desaparecimento d'entre nós.

Lei fatal da humanidade é esta, que, apesar de a sabermos certa e inevitavel, sempre nos vem causar assombro; e ora temos que ser confortados por causa dos seus rigores, ora devemos confortar aquelles que soffrem a crueldade dos seus golpes.

Hontem escrevia-me elle palavras de consolação pelo fallecimento de um ente querido, hoje, cabe-me arrancar da alma, ainda dolorida, sons de alivio para levar áquelles que sentem tamanha e irreparavel perda!

Conhecia-o passava de quarenta annos. Era elle então moço, cheio de fervor, enthusiasmo e poesia. Tinha já provado algumas agruras do destino, mas ainda não podia sonhar, quanto mais prever, aquellas que este lhe preparava, para alguns annos mais tarde, e quando a sua imaginação e a sua vida tinham attingido o cume dos desejos, que a fantasia lhe havia devaneado.

Um curso superior, no qual emparceirou com homens eminentes, trouxera-lhe a independencia da vida, e deparara-lhe um numero avantajado de relações, que o internaram nas veredas da vida multipla da capital.

As faculdades, desenvolvidas pelo estudo, expandiram-se, abraçando varios ramos dos conhecimentos humanos.

A poesia, que fôra, naturalmente, a primeira manifestação do seu espirito, sem jamais o desacompanhar nos varios estadios da existencia, despertou-lhe, como é obvio, a paixão pelo passado, e portanto o culto da archeologia.

Descerrar pois os thesouros escondidos nos archivos e memorias do passado, extrahindo d'esses preciosos, mas quasi inhospitos depositos, fartos elementos para evidenciar a maneira da vida, já íntima, já externa dos nossos antepassados; apresentá-los nos diversos aspectos e manifestações dos seus impulsos, quer nas regiões da arte, da industria, da agricultura, quer no campo dos

trabalhos marítimos, dos descobrimentos, quer nos discimes da guerra, etc., foi o intuito supremo das lucubrações do derradeiro e largo periodo da sua torturada existencia. A sua obra ahi fica a attestar o seu trabalho e o seu valor.

E como houvera podido o indefesso Sousa Viterbo aguentar o martirio dos seus ultimos dez annos, se a sorte que lhe immobilizou quasi os membros e lhe apagou a luz dos olhos, lhe não houvesse conservado puro o ouvido, claro, vivo, pronto o espirito culto, firme, feliz e tenaz a sua memoria? Podia repetir com o martir do Golgotha — *spiritus quidem promptus est, caro autem infirma*.

Ah! se a tudo isto houvera faltado o carinho, a meiguice, a dedicação dos entes mais queridos, fôra o lugubre peso da sua cruz, quasi incomportavel.

Vira elle realizados os anseios mais ardentes da sua alma: alcançara uma posição eminente na sociedade, era medico, e professor da Academia das Bellas Artes; obtivera a mão e a vontade de uma senhora dotada de invejáveis predicados, e fôra coroado e santificado o seu talamo por um precioso fruto, que elle, como cultor previdente e esclarecido, abrigára de todas as intemperies, e provêra de todos os elementos indispensaveis ao seu completo e proficuo desenvolvimento.

Mas ai! a meio desses cuidados, a aragem mefítica da sorte veio perturbar a acção do desvelado cultor. Era a ataxia com o seu cortejo de dores e entorpecimentos que o invadia. Primeiro fôra-lhe pouco a pouco dificultando a locomoção, até lh'a tolher quasi de todo; ao mesmo tempo lhe ia empanando a vista, que afinal lhe extinguiu completamente!

Vem de molde neste logar as reflexões que uma joven, de espirito assaz culto, me dirigia em primorosa carta, a proposito de um parente, tambem joven, fallecido após tormentos cruciantes: «Ha momentos na vida em que se põe em duvida a existencia de um deus justo, sabendo os maus, felizes, os bons arrastando os seus malles sem remedio, porque é impotente a intelligencia humana para os transformar em alegrias; e para dizer alguma coisa que nos convença dessa existencia, vamo nos enganando com a idéa, de que tudo o que faz é pelo melhor. Pôde ser. Não o affirmo, como não o nego. Se o meu parente visse não seria o melhor?»



D. SOPHIA CLEMENTINA DE SOSA VITERBO

E eu tambem direi, com a intelligente joven, se Sousa Viterbo não soffresse taes malles não seria o melhor? Não era justiça para elle, alivio e satisfação para quantos o estimavam e viam soffrer? De certo o era.

Mas neste desfazer de um sonho ardente, neste desabar de um edificio meio erguido, appareceram, como em todas as grandes catastrophes da natureza moral, os anjos do Ceu, abrindo as suas brancas e fulgidas azas, para ampararem o fulminado na sua queda!

Fôram esses anjos do lar D. Sophia Virginia Leite de Sousa Viterbo, a digna esposa que o envolveu num ambiente de cuidados, carinhos e affectos, transformando as delicias do amor, no disvello e afan de attenta e devotada enfermeira! Ahi a vêdes nesse singello quadrosin'ho, sorrindo ao marido que a não vê, mas apenas a ouve, sentado na sua poltrona, onde passou a maior parte da sua atormentada carreira vital.

O outro anjo que a Providencia lhe enviou foi a filha D. Sophia Clementina de Sousa Viterbo, essa preciosa joia que elle tanto afeiçoára e polira, e que prestou ao espirito d'elle, em plena ebulição, todo o auxilio do seu braço, e toda a luz dos seus bellos olhos!

Cançou a dois terços da jornada; um ameaço de neurasthenia obrigou-a a interromper o seu dedicado auxilio, pelo que me coube a triste gloria de a substituir em tão grato emprego, ha cerca de quatro annos, posto que desde os ultimos oito ou mais, o nosso amigo Pedro A. de Azevedo e eu lhe prestassemos todos os serviços de averiguação, rectificação ou copias nos archivos, bibliothecas, etc., que mister se lhe faziam para a conclusão de seus improbos e importantes trabalhos.

A essa dulcissima filha, que foi o seu maior enlevo nesta vida, dirigiu elle uns dos seus ultimos versos, antes de acabar de perder a vista, e que são uma verdadeira profecia como nascida da alma de um poeta.

O infeliz Gilbert sentin'ho-se presa das garras da desgraça e nas proximidades da morte, exclamava em uma sentidissima elegia:

*Au banquet de la vie, infortuné convive
J'apparus un jour et je meurs
Je meurs, et sur ma tombe, où lentement j'arrive,
Nul ne viendra verser des pleurs!*

Sousa Viterbo não chegou ao banquete da vida, se se lhe pôde chamar banquete, para desaparecer num dia: a verdade, porém, é que com grande lentidão foi deslisando para a sepultura, como se fôsse um regato que derivasse por sobre alveo planissimo; mas não, porque nesse longo caminho ia batendo em escolhos, que lhe amarguravam o enfadonho curso. Ao menos não poderia dizer que sobre a sua campá ninguém viria verter lagrimas, por que não só estas, como palavras de saudade, de apreço, de estima, fôram vertidas. Ouvimos alli as vozes dos ars. dr. Bernardino Machado, ministro dos estrangeiros, Manuel d'Oliveira Ramos, professor do Curso Superior de Letras, Abel Botelho, inspector da Academia das Bellas Artes, e architectos Adães e Rosendo Carvalheiro aureolando o erudito incansavel, o homem probo e bom.

São estas duas affectuosissimas quadras os versos a que acima alludi:

«Não vae longe o viandante,
Tem quasi finda a jornada,
Encontrou um diamante
Mas não lhe valeu de nada.

Sobre a cruz da sepultura
Ha-de essa pedra brilhar...
São os olhos de ternura
De sua filha a chorar.»

Não se enganou. Alli a vimos todos, depois de ouvir aquellas vozes alteradas dos amigos de seu pae, beijar por entre lagrimas a fronte que tanto pensára e sentira, e que, fria agora pelo gelo da morte, ia desaparecer para sempre aos olhos dos vivos e não podia já sentir aquelle amoroso preito.

Vêde-a no periodo mais brilhante da suave juventude, e contempla-a depois triste e abatida, entre um grupo de amigas, acompanhando o pae á sua ultima morada.

Ao amigo, exemplo de perseverança e conformidade a homenagem da minha saudade aos dois anjos do seu lar, exemplos de dedicação e sublime affecto, o tributo da minha admiração.

BRITO REBELLO.

Descanço eterno

Ah! como é bom dormir. E como é triste
Que venha tarde o somno derradeiro!
Pois o goso supremo e verdadeiro
Só no descanso eterno é que consiste.

De que nos serve andar de lança em riste
A combater sem treguas o mundo inteiro,
Qual outro cervantino cavalleiro,
Que de loucas empresas não desiste?

Se tudo neste mundo é illusorio
Para que estar em lucta permanente,
Transformando a existencia em purgatorio?

Accusem-me de espirito doente!...
Não quero ser o fumo do incensorio,
Mas cinza glacial, cinza immanente.

Belfica, 1906.

SOSA VITERBO.

(David Rosa.)

(1) Veja o n.º 890 de 1903, pag. 201.

SOUSA VITERBO

Plebeu e portuense illustre

(29 de dezembro — 1845-1910)

A cidade invicta acaba de perder um dos seus mais illustres filhos, no eminente litterato portuguez dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo.

O seu alto espirito era a personificação gloriosa da tenacidade trabalhadora que caracteriza os filhos da cidade invicta, e a manifestação constante nos 34 annos de vasto labor intellectual, das qualidades fortes da seiva plebea, de que Sousa Viterbo se orgulhava de descender.

Numa das suas mais formosas monographias — *Os moinhos* — escripta com o saudoso sentimento poetico, com aquella fina sensibilidade de artista, que transcende de toda a sua obra critica e documental, Sousa Viterbo fala-nos assim dos antigos moinhos e dos antigos moleiros, do mesteiral antigo soberbo das suas prerogativas plebeas, e do mesteiral de hoje com pretensas vaidades de nobilitações hierarchicas. Dizia o fallecido e erudito escriptor:

«O moleiro perdeu todo o seu prestimo e ninguem faz caso d'elle, quasi reduzido áquelle personagem burlesco da canção brejeira, a quem o diabo sujeitou á condição de eunuco. E numa época de egualitarismo, em que a democracia devia nivelar todas as classes e todos os homens, os industriaes contemporaneos, pelo contrario, tendem a afdalgar-se e como que se envergonham de seus epithetos seculares consignados nos regimentos das respectivas corporações. Os mesteirais da idade media e os mesteirais de hoje! Que vilipendio para um moageiro ser moleiro! — e que vergonha ser padeiro para um manipulador de pão!»

E logo depois

«Ainda hoje o moinho em ruinas, quer no alto da montanha, quer no fundo do valle, soprando a musica do vento, ou murmurando a musica das aguas, é um dos mais bellos enfeites panoramicos que eu conheço. Uma circumstancia contribue poderosamente tambem para que me sinta arrastado por uma sympathia saudosa para estes curiosos monumentos do trabalho antigo. O moinho podia ser o emblema da minha heraldica. Meu avô materno era moleiro. Se algum aspirante a fidalgo existe na minha familia, que me perdôe esta revelação indiscreta.»

Revê-se nesta curiosa nota autobiographica, todo o orgulho plebeu daquelle que á força de intelligencia e de trabalho conseguiu chegar a uma das maiores culminancias intellectuales da nossa terra. Faz lembrar o orgulho forte dos antigos mesteirais, que aclamavam nas ruas de Lisboa o mestre de Aviz, ou dos que no burgo portuense souberam pugnar sempre pelos fóros e regalias dos *mecanicos*. Compreende-o bem, quem estas linhas escreve de homenagem posthuma e saudosa, recordando sempre com envaidimento a sua própria ascendencia paterna de membros da casa dos 24, da bandeira de S. Miguel, e de juizes do povo que levantavam a voz ante os reis fazendo-lhes sentir o querer e a vontade das classes populares, de que eram então legitimos representantes.

Sousa Viterbo era filho de paes humildes; neto paterno de um daquelles simples e pobres cultivadores, que com a enxada cavam o solo fértil da patria, em Santo Thyrsó, e neto materno de uns abastados moleiros de Vallongo.

Sousa era seu pae, modesto negociante ou lojista do Porto, e de seu padrinho e tio-avô o dr. Francisco Pedro Viterbo, o primeiro director da Escola medica do Porto, recebeu o ensino e o appellido que juntou aos nomes plebeus de sua mão — Marques e de seu pae Sousa.

O povo portuguez muito e muito lhe deve. Na vasta orientação dos seus estudos Sousa Viterbo exhumou dos archivos a historia das artes e das industrias do nosso paiz, restituindo ao conhecimento e admiração dos posterios centenares e centenares de nomes dos mais humildes artistas e artifices, cuja vida e cujas obras, olvidadas dos chronistas que apenas relatavam os feitos e genealogias fidalgas, ficaram d'ora ávante registados nos annaes da historia do trabalho nacional. A obra de investigação e de reconstrução historica de Sousa Viterbo, apresenta-nos um desfile enorme de architectos, de engenheiros, de constructores, de pintores, de escultores, de armeiros, espadeiros, bombardeiros, artilheiros, fundidores, tapeceiros, vidreiros, navegadores, constructores navaes, ourives, serralheiros e ferreiros, tintureiros, moedeiros, musicos, cantores de capella, organistas, medicos, inventores, tecelões, interpretes, jardineiros, gravadores, etc., etc.

A archeologia da arte e a archeologia da industria, como elle próprio a classificou, tiveram em Sousa Viterbo o mais denodado cultor. A obra do povo portuguez, atravez dos seculos mais gloriosos da nossa vida historica, teve nas memorias de Sousa Viterbo um registro condigno: o

1875, livraria Ferreira, Lisboa & C., 8.º de 235 pags., impresso no Porto na Imprensa Portuguesa; «Artes e artistas em Portugal» (Lisboa, 1892, livraria Ferreira, 8.º, 312 pags.); «Frei Bartholomeu Ferreira, o primeiro censor dos «Lusiadas»» (Lisboa, 1891, Imprensa Nacional, 8.º grande 237 pags., edição magnifica adornada com o retrato do autor em fototypia da casa Biel, do Porto, e duas reproduções de autografos de frei Bartholomeu, feita em diferentes qualidades de papel pelo illustre camoneanista dr. A. A. de Carvalho Monteiro); «A fonte dos Amores — Florilegio poetico» (Lisboa, Imprensa Nacional, 1889, 8.º grande, 68 pags., adornada com uma fototypia representando a Fonte das Lagrimas, e editada egualmente pelo dr. A. A. de Carvalho Monteiro) (por estes dois trabalhos recebeu o autor apenas alguns exemplares para brindes); «Dicionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou ao serviço de Portugal (Lisboa, Imprensa Nacional, 1899, 8.º grande, XIV — 584 pags.); tomo II, idem, (1904, XXII — 547 pags.). (Este importante trabalho foi mandado publicar pelo ministerio das obras publicas, por indicação do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes. O autor

não recebeu por elle o menor estipendio official, e o mesmo succedeu com todas suas outras obras de investigação historica. O 3.º e ultimo vol. deste «Dicionario» está ainda inedito). Proseguindo: «Pero Vaz de Caminha e a primeira narrativa do descobrimento do Brasil — Noticia historica e documental» (Lisboa, Tipografia Universal, 1902, 39 pags.). Obras publicadas nas «Memorias da Academia Real das Sciencias»:

I — «Trabalhos nauticos dos portuguezes nos seculos XVI e XVII»: Parte I, «Marinharia» (1898, 4.º grande, 341 pags., esgotado); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo VII, parte II); II — Parte II, «Constructores navaes» (1900, 4.º grande, 299 pags., 4 estampas); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo VIII, parte I); III — «A livraria de musica de D. João IV e seu index» (1900, 4.º grande, 19 pags., 2 estampas); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo IX, parte I); IV — «A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel» 1901, 4.º grande, 73 pags.); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo IX, parte I); V — «Algumas achegas para a historia

da tinturaria em Portugal» (1902, 4.º grande, 24 pags.); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo X, parte I); VI — «Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) e a familia de sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena» (1902, 4.º grande, 59 pags. e 2 estampas); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo IX, parte I); VII — «Noticia de alguns pintores portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal» (1903, 4.º grande, tomo XV, 191 pags. e 7 estampas); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo X, parte I); VIII — «Segunda serie» (1906, 4.º grande, 88 pags.); (Hist. e Mem. da Academia, 2.ª classe, tomo XI, parte I); IX — «O tesoiro do rei de Ceylão» (1904, 4.º grande, 67 pags.); (Hist. e Mem. da Academia, 2.ª classe, tomo X, parte II); X — «Duarte Galvão e a sua familia, elementos para um estudo biografico» (1905, 4.º grande, 95 pags.); (Hist. e Mem. da Academia, nova serie, 2.ª classe, tomo X, parte I); XI — «A armaria em Portugal — Noticia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal» (1907, 4.º grande, 175 pags.); XII — Idem, 2.ª serie. Está no prelo e brevemente se dará á publicidade.

O eminente americanista Mr. Henry HARRISSE publicou um artigo muito lisonjeiro sobre o 1.º vol. dos «Trabalhos nauticos» no numero de 12 de dezembro de 1898 da «Revue critique d'histoire et de littérature», o qual se publicou em separado num opusculo de 7 pags. (Paris, 1893).

O dr. Sousa Viterbo tem colaborado em muitas revistas, tirando-se depois em numerosos opusculos, alguns d'elles bastante extensos, os artigos



DR. SOUSA VITERBO E SUA ESPOSA D. SOPHIA VIRGINIA LEITE DE SOUSA VITERBO
(Fotografia do sr. dr. Pedro de Emau? Ribeiro)

anonymo das classes trabalhadoras encontrou nelle o seu chronista; Viterbo, filho de plebeus, ergueu ao trabalho nacional dos seculos que passaram o mais perduravel monumento, e este monumento, que é a sua OBRA, constitue tambem a glorificação do seu auctor, um dos mais operosos lidadores das lettras da Patria Portugueza.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1911.

VICTOR RIBEIRO.

Notas bibliográficas

A obra de Sousa Viterbo é vastissima e não é facil relacionar o colossal trabalho deste homem de lettras desde que publicou o seu primeiro livro, em 1870, intitulado *O anjo do pudor*, que logo despertou a atenção da critica em Portugal e em Espanha, onde o jornal a *Iberia* lhe fez grandes elogios.

Na *Enciclopedia Portuguesa* encontra-se a nota, talvez mais completa, das obras de Sousa Viterbo e que passamos a transcrever:

«Rosas e nuvens», poesias (Porto); «A mulher de Cesar», (Porto, 1874), poemeto em alexandrios dedicado ao dr. Thomaz de Carvalho e incorporado depois nas «Harmonias fantasticas» (teve duas parodias, impressas em folhetos separados, uma das quaes de D. Thomaz de Mello sob o titulo de «A mulher do Cesar», burriquo de Alcantara); «Harmonias fantasticas» (Lisboa,



A GRANDE PARADA DE CICLISTAS, EM HONRA DO GOVERNO, NA PRAÇA DO COMERCIO

No dia 8 do corrente reuniram-se na praça Marquês de Pombal, cerca de 1:000 ciclistas de varios clubs e grupos, que foram cumprimentar o Governo e a Camara Municipal. Foi um novo e lindo espectáculo que Lisboa ofereceu nesse dia

ou monografias nellas contidas. Citaremos: «A Revista» (Porto); «Jornal da Sociedade das Ciencias Medicas»; «Circulo Camoneano»; «Revista de Guimarães»; «O Branco e o Negro»; «Revista Arqueologica»; «O archeologo português»; «A tradição»; «Revista dos liceus»; «Portugalia»; «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa»; «Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Archeologos Portuguezes»; «Arte Musical»; «Revista Lusitana»; «Medicina contemporanea»; «Serões (deste não se fizeram separatas)»; «Brasil-Portugal»; «Revista militar»; «Arquivo historico português»; e «Instituto», de Coimbra. Nestas tres ultimas é que Sousa Viterbo tem escripto mais, sobretudo no «Instituto», onde ha uns poucos de annos não aparece um numero que não traga o seu nome.

No «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» publicou: «A exposição de arte ornamental»; «Notas ao catalogo» (Lisboa, Imprensa Nacional, 1883). (Alguns exemplares em papel Japão são adornados de nove magnificas fototipias de Carlos Relvas. O autor foi um dos sete membros da comissão executiva da mesma exposição e redigiu parte do catalogo illustrado); «Um costume dos habitantes do Pegú»; e «O orientalismo em Portugal no seculo XVI»; no «Circulo Camoneano»: «Henrique Garcez, tradutor dos Lusíadas em espanhol»; «Camões em Espanha»; e «Antonio Figueira Durão e o seu preito a Camões»; na «Revista dos Liceus»: «Uma cartade William Julius Mick e. Oferta da sua tradução dos «Lusíadas» ao marquês de Pombal» (1893); «A civilização portuguesa e a civilização espanhola. Sua influencia mutua» (1892). (E' a introdução a uma obra que o autor conserva manuscrita, sob o titulo de: «Resenha bibliografica dos escriptores espanhoes, de que ha obras, publicadas no nosso país»); no «Branco e Negro»: «O Pedro Sem»; no «Arquivo Historico Português»: «O teatro na côrte de D. Filipe II»; «Isabel Carreira»; «A mãe de Frei Bartholomeu Ferreira»; «A mulher de Antonio Sygy de Velasco»; «Mensageiros reaes»; «Gil Vicente. Dois

traços para a sua biografia»; «Jorge de Montemor»; «A pesca do coral no seculo XV»; «Uma expedição portuguesa ás Canarias em 1440»; «A avó materna de Affonso de Albuquerque (Os penhoristas do seculo XV)»; «As dadas de Affonso de Albuquerque»; «O monopólio da cortiça no seculo XV»; «Occorrencias da vida judaica»; «A cultura intellectual de D. Affonso V»; «A inscrição da Synagoga de Monchique» (aditamento ás «Occorrencias da vida judaica»); «Relações de Portugal com alguns potentados africanos e asiaticos»; «D. Isabel de Portugal, duquesa de Borgonha. Notas documentaes para a sua biografia e para a historia das relações en-

tre Portugal e a côrte de Borgonha»; «D. João, principe de Candia»; «Dois poetas seiscentistas»; «Os mestres da capela real nos reinados de D. João III e D. Sebastião»; «Poesias avulsas de Affonso Ribeiro Pegado»; «Mestres da capela real desde o dominio filipino (inclusivé) até D. João I»; «Occorrencias da vida moirisca»; «Maximo José dos Reis. O ultimo capitão-mór de Cintra»; «O dote de D. Beatriz de Portugal, duquesa de Saboia» (uma 2.ª parte deste estudo, mais extensa que a primeira, está já concluida e proxima a entrar no prélo); «Tres medicos poetas»; e «Dois medicos de apelido Camara» (a entrar no prélo); nas «Memorias da Academia das Ciencias»:



OS CAIXEIROS «GRÉVISTAS» REUNIDOS NA ESPLANADA DO ATHENEU COMMERCIAL DE LISBOA

(Clichés da «Mala da Europa»)

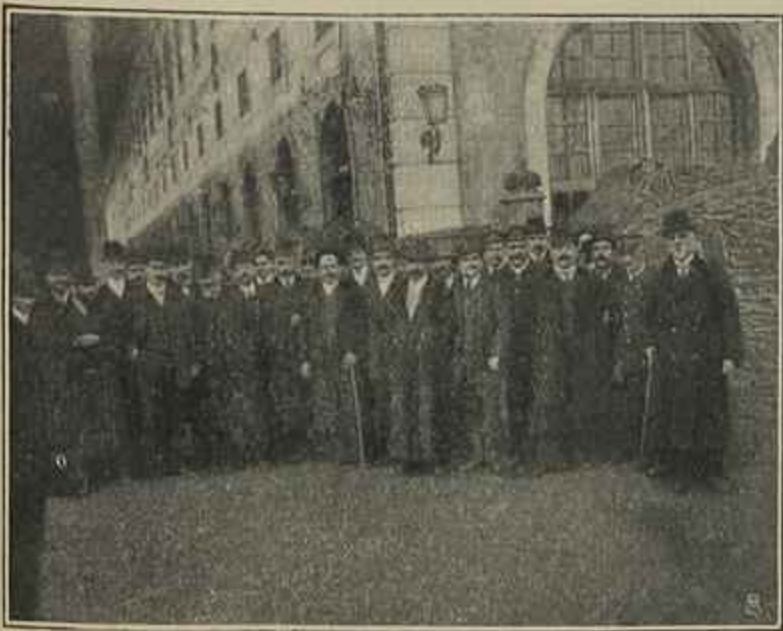
«Breve noticia sobre a cultura da canela na ilha de S. Thomé»; na «Revista Militar»: «O fabrico da polvora em Portugal» (1896); «Fundidores de artilharia» (1901); «Ourives-espadeiros. Ourives da gineta. Freeiros» (1904); «A batalha de Touro» (1900); «A esgrima em Portugal» (1897) (o livro M. Gomes fez em 1899 uma 2.^a edição, sem, todavia, o declarar no frontespicio); «Um punhado de valentes» (1903); «O infante D. Pedro, o das sete partidas» (1902); «O prior do Crato e a invasão espanhola de 1580» (1897); «A Soyca» (a Suíça era uma forma de ordenança militar á maneira da que usavam os suíços); e «Arquitetos das praças de Africa — Lourenço Argueiros»; na «Revista de Guimarães»: «Artistas e artifices de Guimarães» (1897); no «Arqueologo Português»: «Os moinhos» (1896) e «Apontamentos numismáticos» (1902); na Arte Musi-

A «gréve» do pessoal dos Caminhos de Ferro



GRUPO DE PESSOAL DOS CAMINHOS DE FERRO COM O SR. FAUSTO DE FIGUEIREDO MEMBRO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E MEDIANEIRO ENTRE ESTE E OS «GRÉVISTAS»

cal»: «Mestres da capela real nos reinados de D. João II e D. Manuel»; «Gonçalo Barbosa»; «Jayme de la Fé y Sagau»; e «Tangedores da capela — Manuel Rodrigues Coelho»; nos «Arquivos de historia da medicina portuguesa»: «Cirurgiões do infante D. Henrique»; no «Instituto», de Coimbra: «O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra» (1890); «Manuel Correia de Montenegro — Um corrector de Camões» (1890); «Viagens da India a Portugal por terra e vice-versa» (1898); «Inventores portugueses» (1902); «Industrias textis e congeneres» (1904); «Noticia de alguns arabistas interpretes de linguas africanas e orientaes» (1906); «Frei João das Chagas» (1908); «Serralheiros e ferreiros» (1908); «Poesias de autores portugueses em livros de escritores espanhoes» (1891); «A industria sacharina em Portugal» (1908); «A jardinagem em



GRÉVISTAS AGUARDANDO A CHEGADA DO SR. DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA, QUE LHES VAE FALAR, NA ESTAÇÃO DE SANTA APOLONIA



A ESTAÇÃO CENTRAL DO ROCIO GUARDADA PELA GUARDA REPUBLICANA, NOS DIAS DA «GRÉVE»

(Clichés Benoliel)

Portugal» (1908); «João Pinto Delgado» (1897); «Tapeçaria» (1902); «O vidro e o papel» (1903); «Minas e mineiros» (1904); «Poesias avulsas do dr. Miguel da Silveira» (1906); «Estudos sobre Sá de Miranda — I — Os filhos do conego Gonçalo Mendes» (1895); «Estudos sobre Sá de Miranda — II — A familia do poeta — Vacia» (1896); «Estudos sobre Sá de Miranda — III — Mem de Sá — A sua descendencia — Outras informações» (1895); «Os portugueses e o gentio» (1896); «Damião de Gões e D. Antonio Pinheiro» (1895); e «Estudos sobre Damião de Gões» (2.^a serie, 1900); na «Revista Lusitana»: «Fastos religiosos (festas e procissões)» (1898); «Materiaes para o estudo da paremiografia portugueza e espanhola — I — O adagiario Lopo de Veiga Carpio». Idem — II — «O adagiario de Gonçalo Fernandes Trancoso». Idem — III — «O adagiario nas Operas do Judeu»; no «Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Archeologos Portuguezes»: «Cruzeiros de Portugal» — 1.^a, 2.^a e 3.^a partes; «Noticia de alguns esculptores portuguezes ou que exerceram a sua arte em Portugal» (1900); na «Portugalia»: «As candeias»; e «Subsidio para a formação do refrancero ou adagiario portuguez» (1901).

E' de Sousa Viterbo a «Introdução» aos «Lusiadas», edição illustrada feita pela empresa da «Historia de Portugal», de Pinheiro Chagas, em 1900.

Tem tambem artigos e cartas preambulares em diversas obras, como: «Cancioneiro de musicas populares» (2.^a vol., 1895); «Exposição de arte em Vianna do Castello»; «Fingal», poema de Ostan, traduzido por D. Maria Adelaide Fernandes Prata; «Tratado da armaria» por J. Leite Ribeiro, etc.

De colaboração com Rodrigo Vicente de Almeida, que forneceu os apontamentos tirados da Biblioteca da Ajuda, redigiu a obra intitulada «A capela de S. João Baptista erecta na igreja de S. Roque...» (Lisboa, 1900).

Tem um artigo — «O artista da palavra» — no livro «In memoriam», dedicado ao dr. Sousa Martins, e delle se tiraram exemplares em pequeno numero (Lisboa, 1904).

No «Brinde aos senhores assignantes do «Diario de Noticias», tem um conto intitulado: «O fantasma do lago», e noutro volume do mesmo «Brinde» uma narrativa historica, «D. Filipa d'Eça, abadesa de Lorvão». Num dos numeros do Natal que o mesmo diario publica, associada com o «Comercio do Porto», tem um conto de costumes portuenses, intitulado: «Vingança de Judas». Em outros periodicos, tanto literarios como politicos, existem dispersos, da sua lavra, diversos contos e narrativas romanticas.

Foi o dr. Sousa Viterbo quem revelou, num artigo da «Correspondencia de Portugal», a existencia de poesias ineditas de Pedro de Andrade Caminha num elegante volume que o dr. J. Priebsch, da Bohemia, publicou com outras, encontradas em Londres, em Halle, em 1898 (edição de Niemeyer). Foi elle igualmente quem descobriu que a «Nouvelle relation de la Chine», traduzida em francês sobre um manuscrito do padre Gabriel de Magalhães, considerado desconhecido ou perdido por um sr. B. e publicado em Paris em 1688, não era outra coisa senão as «Dozes excellencias do imperio da China», incorporadas no «Vergel de plantas (Lisboa, 1690) de frei Jacinto de Deus, que as apresentou como suas, sem lhes acusar a procedencia.

Além das obras mencionadas, ha as seguintes produzidas nos ultimos annos:

«A Ordem de Cristo e a missa sacra nas nossas provincias ultramarinas», em publicação no «Instituto».

«A Jardinagem», 1.^a e 2.^a series, separata do «Instituto».

«A gravura em Portugal» (1909).

«D. Beatriz de Portugal, duquesa de Saboia» (1909), serie.

«Maximo José dos Reis, ultimo capitão mór de Cintra» (1908).

«D. Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha» (1910).

«Curiosidades musicas», na «Arte Musical», LXXVII artigos.

«Tres medicos poetas» (1908).

«Dois poetas de apelido Camara» (1908).

«Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo» (1910).

«Noticias acerca da vida e obras de João Pinto Delgado» (1910). (Mem. da Acção).

Muitos artigos expostos pelas revistas como «Medecina Contemporanea», «Tripeiro», «Annaes de medicina contemporanea», «Jornal da horticultura praticas», etc.

Iniciou a sua vida de jornalista no «Jornal do

Porto»; foi director politico do «Jornal da Manhã», onde foi tambem colaborador literario com os pseudonimos de «Curioso alfarrabista» e «David Rosa». Redator temporario do «Comercio de Lisboa» e do «Jornal do Comercio». Colaborou no «Comercio Portuguez» no «Progresso Commercial»; redator efetivo do «Diario de Noticias».



Velhice prematura

Alguem veio dizer-me com espanto
Que tinhas tristemente envelhecido,
Extincto aquelle vaporoso encanto,
Que sempre me deixara embevecido.

Que nem sequer no olhar cheio de graça
Ficára um raio da vivaz scentelha,
Que nos dissesse que nem tudo passa
Num juvenil espirito de velha.

Que no sorriso, tremulo, apagado,
Não restava um vestigio de meiguice
Pois tudo, tudo, havia sossobrado,
No misero naufragio da velhice.

Que ninguem, sob o traço caprichoso
De uma rigida ingleza solteirona
Reconhecera o typo glorioso
D'essa que fôra genial Madona.

Que a Providencia usára de bondade
Privando-me da vista penetrante,
Para não vêr agora a realidade
D'uma transformação quasi aviltante.

Oh! não, não pôde ser, não acredito
Que o lago transparente e luminoso
Se transformasse em areal maldito,
Sem um unico oasis deleitoso.

Não! A tua belleza abençoada
Não podia extinguir-se de maneira
Que apenas, sob a cutis enrugada,
Avultasse o relevo da caveira.

No celestes museu da formosura,
Envolvida n'um véo de castidade,
Has de ser sempre essa medalha pura
Fundida na perpetua mocidade.

Crystallisaste, sim, mas em diamante.
Passam os annos — temporaes de flores —
E tu és sempre a estrella rutilante
Na noite bella do meu ceu de amores.

Pódes, Senhor, restituir-me a vista,
Para gosar a esplendida visão,
E ninguem diga: — O doido que desista,
Ou morrerá, desfeita uma illusão.

(2 de agosto de 1904.)

SOUSA VITERBO.

(David Rosa)



No album da Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Viterbo

A quem compararei a gentil dona d'este Album? A nobre filha de Edipo, idealizada pela musa trágica de Sophocles, esse prototipo da piedade filial que, nas misérias do exilio, serviu de guia ao pae cui *lumen ademptum*, e que nos legou (a nós outras mulheres) o lemma sublime: «Nasci para amar, e não para ter odio.»

A Deborah Milton que com os seus carinhos e com a sua laboriosidade illuminou o deserto lar paterno, tornando possivel que o genial poeta do *Paraíso Perdido* criasse, comquanto velho, pobre, perseguido e cego, essa admiravel *Divina Tragedia* da literatura universal.

Seguindo o exemplo d'essas heroínas suaves é que D. Sophia de Sousa Viterbo deve sentir-se feliz — mão direita de seu pae e luz dos seus olhos.

Porto, 13 — x — 08.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

ÉS FELIZ

(No album do Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Viterbo)

Tudo se alue, tudo cae
Menos o eterno ideal!...
Tu tens no amor de teu pae,
Vivo sempre como agora,
O ideal da eterna aurora!

Caminha afoita!... esse amor
Faz prodigios taes, querida,
Que transforma o espinho em flor
Nas ancias cruéis da vida!

.....
Não sei que mais nos dirá
A sciencia genial;
Sei que no amor ideal,
A eterna virtude está;

Por que senti os lampejos,
Do ignoto mundo de além,
Quando me deu minha mãe,
No berço, os primeiros beijos!...

Monte de Caparica, Torre. No dia 3 de março
de 1903, em que faço 74 annos.

BULHÃO PATO.



AS «GREVES»

Temos, infelizmente, que registrar novas *greves* ocorridas com os caixeiros e com o pessoal dos caminhos de ferro, a primeira limitada aos caixeiros de Lisboa com relação a horas de trabalho e a ultima geral, tendo paralisado durante quatro dias todo o movimento ferro-viario do país. A estas duas *greves*, juntou-se a dos gazomistas, a qual devido ás immediatas providencias tomadas, não chegou a privar a cidade de ser iluminada, não obstante a *greve* continuar sem solução.

Não pódem ser mais inoportunas estas *greves* no momento actual, á parte toda a justiça que lhes possa assistir. Chegam a ser antipatrioticas como demonstram os protestos de todo o país, pois é certo que se as condições da vida não são favoraveis, o que já vem de longa data, as *greves* só as pódem agravar mais, sem resolverem o mal, cuja origem se encontra nas condições economicas do país.

E' esta uma tese que não desenvolvemos aqui porque nos levaria muito longe, mas que resumiremos no seguinte acerto.

E' preciso que todos trabalhemos de vontade para resolver a questão economica, promovendo por todos os modos a cultura da terra — e nada menos de dois terços de terra aravel está por cultivar, neste abençoado torrão, — de modo a que a nossa exportação se equilibre, quando não possa exceder a importação.

Para isso não nos falta terra, onde está toda a riqueza, que não nas estrelas do ceu, nem bons braços para trabalhar, e o capital elle apparecerá para empresas que ofereçam garantias de seriedade, secundadas por leis que as protejam, alargando o credito e isentando de impostos, nos primeiros tempos, as terras que se fôrem arando.

E' este, em resumo, conforme os rudimentares principios da ciencia economica, o modo de restaurar a boa economia do país, e acabar com o mal estar social que a todos afflige e inquieta.

Depois de tanta incuria de annos não se restabelece de momento nova vida, mas o esforço de todas as vontades é que se deve dirigir a este fim porque é elle o remedio, mais do que o remedio, a cura.

Crêmos bem que todas as cabeças regularmente formadas e illustradas comprehendem e pensam isto. O que custa a comprehendere é que o país tenha vivido tantos annos na doce illusão de atamancar o desequilibrio da sua balança comercial, com o ouro que os seus filhos, mourejando pelo Brasil, de lá lhe mandam, ou pedindo ao credito o que lhe falta para manter se, sem vêr a ruina que lhe entra por casa.

Não sei se alguem achará demasiado radical trazer para aqui a economia portugueza a proposito das *greves*, entendendo que o assunto deve ser tratado mais á letra. Ha tanto miope!

Em nosso país e com a indole pacifica deste

povo, só as grandes dificuldades da vida o atrasam a estes extremos, quando aliaz todos podiam viver num desafoço que, acaso, não é permitido a outros povos, porque lhes faltam os recursos proprios, que nós temos neste riquissimo torrão e neste amavel clima.

Muito de proposito não trago á barra os nossos vastos dominios coloniaes, que fazem a inveja de outras nações. Muito de proposito me li-mito a estes quatro palmos de terra que constituem Portugal na Europa, e onde temos tudo necessario á vida, ao conforto, ao gozo e até ao luxo. Explorar este torrão é quanto nos basta para vivermos sem pedir nada aos vizinhos, e quem tem um tesouro assim, só por demencia é que não o aproveita.

Se assim é a riqueza da nossa terra, não é menor a intelligencia da nossa raça e aptidão dos seus braços.

Como se explica, pois, este mal estar social em que vivemos?

Eis-nos entrados na questão magna, a raiz de que derivam todas estas perturbações, que em cada dia mais se agravam e que fecha o circulo vicioso de que não ha sahir — A INSTRUÇÃO.

Vae com letras mais gradas para se ver melhor.

A falta de instrução é que tem sido o cancro que roe todo o organismo social deste país, não obstante, ainda não ha muito tempo o presidente de um dos ultimos governos da monarchia ter dito, em pleno parlamento, que: «instrução tinha o país até de mais, o que lhe faltava era educação».

E com dirigentes assim isto tem andado...

Não póde haver educação sem instrução; uma e outra se completam. Se a instrução é defeituosa a educação o será tambem e os caracteres della se resentem, como infelizmente se presen-
cia.

Toda a minha vida tenho clamado pela instrução pratica e tecnica no meu país, e clamarei emquanto tiver folego de vida.

Dar a este povo uma instrução bem orientada, deve ser o principal empenho de quantos o diri-gem e governam. E' esta a unica materia prima de que o país carece, tanto como do pão que come, porque de resto nenhuma outra lhe falta para o seu bem estar, o caso é saber explorar.

Final, querendo falar das *greves*, esplanei-me, sem proposito, ainda que de leve, na questão eco-nomica e na instrução publica.

As *greves*, porém, já terminaram, como sem-pre o esperei da boa indole deste povo sentimen-tal, e para que ellas não se repitam, pois nada resolvem, prefiri atacar a questão na sua raiz, concorrendo com as minhas fracas posses para a esclarecer.

CAETANO ALBERTO.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro 1910

Barometro. — Max. altura 776^{mm},0 em 19.
Min. > 747^{mm},1 em 5.

Termometro. — Max. altura 17[°],3 em 7.
Min. > 2[°],4 em 31.

Temperatura superior á normal na 1.^a quin-zena, baixa sensível em 20, pequena elevação de 23 a 27 e frios acentuados nos ultimos quatro dias, com tempo excellente.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado
9 dias.

• Nublado 16 dias.

• Encoberto 6 dias.

Chuva — 192^{mm},7 em 21 dias.

Choveu torrencialmente até ao dia 18, e depois de 21 a 23, com pouca intensidade.

As maiores alturas pluviometricas foram: em 2 (24^{mm},5), 3 (14^{mm},4), 4 (10^{mm},7), 6 (13^{mm},8), 7 (18^{mm},5), 9 (25^{mm},3), 12 (15^{mm},2) e 14 (22^{mm},1).

Trovoada e granizo — Em 5.

Nevoa — Em 3 dias.

Resumo do anno

Temperaturas extremas — 37,3 em junho,
2,4 em dezembro.

Chuva total — 756^{mm},5 em 134 dias.

Dias de bom tempo, 151 — Nublados, 186 — Encobertos, 28 — Relampagos, 3 — Trovoas 8, — Trovoada, 6 — Nevoeiro, 22 — Granizo, 6.



Angola (Dois annos de Governo — Junho 1907 — Junho 1909) — Historia e Comentarios — 1910 — Editora, A Nacional — Lisboa.

E' este um volume de 424 paginas, compreendendo o preambulo até paginas 16, o texto até 396 e annexos até ao fim.

O texto abrange tres partes: primeira, A Nacionalização, subdividida em tres secções, — a occupação; instrumentos de transitio; telegrafos—; segunda, A Civilização e a Protecção aos Nativos; terceira, Fomento, Economia e Finanças.

Cada uma destas partes ou materias de titulos genericos desdobra-se em capitulos correspondentes, cujos assuntos o autor, Henrique de Paiva Coceiro, versa e expõe com pleno conhecimento e evidente autoridade.

A famosa possessão portugueza em que a península iberica por mais de uma vez caberia inteira, é estudada pelo distinto governador ultramarino com verdadeiro amor e interesse nacionaes, e nos seus comentarios acha-se patente a sensatez de um espirito refletido, que sabe inculcar o que deveras constitue processo de valorisação colonial, e logico expediente a adotar pelos governos da metropole em relação ao que demora longe de sua periferia immediata.

Lê-se na conclusão da obra este periodo, que importa espalhar aos quatro ventos do horizonte portuguez continental:

«A pintura atraz esboçada da misera situação d'Angola, — o triste apagamento das nossas marinhas, mercante e de guerra, — as deploraveis condições do grosso dos nossos emigrantes, arrastando pelo Brasil, na dureza ingrata dos mais duros mistéres, a sua ignorancia desprotegida, — representam o certificado, patente e notorio, de quanto a Patria Portugueza está destruindo pelas raizes o proseguimento harmonico dos seus antecessores tradicionais.»

Infelizmente, emquanto funcionarios dos meritos de Paiva Coceiro empregam esforços diligentes para reavivar e levantar provincias de categoria primacial como Angola, abriam-se e fechavam-se as Côrtes com questões de *lana-caprina*, em que unicamente se tratava de vaidades ridiculas e de ambições nogentas.

As Com Melhores Poesias (Liricas) da lingua portugueza. — Escolhidas por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Gowans & Gray, Ltd. London & Glasgow. — Ferreira Limitada, Lisboa. — Vol. de 236 pags., pequeno formato.

A sr.^a D. Carolina Michaëlis declara, no prefacio, que muito hesitou na escolha das poesias, entre os milhares dellas que coligiu, pondo de parte a predileção que tem por versos de Camões, e ainda outros poetas como Bernardino Ribeiro, Cristovão Falcão, Almeida Garrett, João de Deus, se se tratasse de um cancionero de amor. Teve, porém, que restringir-se ao plano dos editores, e assim forçoso lhe foi incluir o maior numero de poetas antigos e modernos, tratando-se apenas dos mortos.

Posto isto, encontram-se neste livro poesias de poetas do seculo xiii, como Ruy Fernandez de Santiago e João Zorro, até aos poetas contemporaneos como Thomaz Ribeiro, Gonçalves Crespo, João de Deus e Simões Dias.

Ante os olhos do leitor perpassam neste livro as poesias dos maiores poetas de sete seculos, a poesia portugueza inexgotavel dos maiores liricos e ao mesmo tempo dos mestres da lingua, na evolução por que tem passado, seguindo no livro a ordem cronologica.

Foi tarefa trabalhosa esta escolha como facilmente se compreende, tanto mais sendo a escolha acertada, como se nos afigurou, na breve passagem pela vista do livro, que reservamos lêr com mais tempo.

A Cólera Morbo, nas suas relações com a lingua portugueza, por Candido de Figueiredo. — Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira. — Lisboa. — 1911.

E' um volume de 91 paginas in-8.^o onde o autor reuniu a larga correspondencia publicada no *Diario de Noticias* sobre a questão linguistica de *O Cólera ou A Cólera*, acrescido de algumas respostas ineditas ás consultas que lhe dirigiram.

E' livrinho interessante porque a proposito da

palavra *Cólera-Morbo*, envolve muita lição proveitosa sobre a lingua portugueza, a que o sr. dr. Candido de Figueiredo tem dedicado boa parte do seu estudo, como é bem notorio.

Límia. — Revista mensal ilustrada de letras, ciencias e artes. — Director João da Rocha, redatores João Paris e Claudio Basto, secretario Alberto Meira.

Tem uma bela colaboração literaria e artistica, publicando interessantes artigos e estampas, incluindo alguns desenhos originaes bastante espirituosos e uma simili gravura da casa de Gonçalo Velho, em Viana do Castelo, e que é um curioso exemplar da construção urbana medieval, como raro se encontra hoje em nosso país.

NECROLOGIA

Mathias de Carvalho e Vasconcellos

No dia 3 de dezembro, findo, falecia em Florença, no hotel Vitoria, onde se encontrava hospedado, o ministro de Portugal junto do governo de Italia, sr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos.

Era hoje o mais antigo diplomata portuguez, tendo, como tal, principiado sua carreira por 1870 e servido assim o seu país por quarenta annos.

Muito estimado na córte italiana, a sua morte foi ali sentidissima, principiando pelo rei Victor Manuel, o primeiro a enviar á viuva do illustre diplomata, telegrama de pesames, assim como a sr.^a D. Maria Pia e o corpo diplomatico estrangeiro, tendo todos mandado colocar corôas sobre o feretro.

O representante de Portugal em Italia preocupara-se com os ultimos acontecimentos da sua patria, e ainda momentos antes de expirar, disséra a sua filha, que o acompanhava: «Deus illumine os novos governantes». Foram estas suas ultimas palavras.

Mathias de Carvalho e Vasconcellos, nascera em Cantanhede a 24 de outubro de 1832, filho de abastados lavradores, que o mandaram cursar a Universidade de Coimbra, onde se formou em filosofia, em 1854, e depois nomeado lente desta faculdade.

Filiado no partido progressista, nos tempos de Loulé e de Braamcamp, foi deputado e manifestou seus conhecimentos financeiros, aceitando a pasta da fazenda num ministerio presidido pelo duque de Loulé, em 1865, ministerio que teve tão pouca duração, que o novel ministro não ponde, sequer, revelar as suas qualidades de estadista.

Entretanto, Mathias de Carvalho era homem de iniciativa, de intelligencia acurada e activo. Isto o provou como director da Casa da Moeda, para que depois foi nomeado. A sua acção neste estabelecimento do Estado notabilizou-se pelas reformas que ali realisou no sentido de o fazer progredir, tanto na cunhagem da moeda, como no fabrico das estampilhas do imposto do sello, que se encontrava na maior desorganisação. Para este fim convidou, em 1867, o gravador Caetano Alberto a fazer novas matrizes e remodelar o fabrico, e foi sob os novos modelos de estampilhas e organisação do seu fabrico, apresentado por este artista, que aquelles serviços se reformaram, sem aumento de despesa, modelos e fabrico que são a base do que ainda hoje ali se faz.

Sabemos de bem perto que não foi pequena a luta que o diretor Mathias de Carvalho sustentou ali para acabar com a rotina, o que abona sobejamente o seu espirito de iniciativa e ao mesmo tempo sua tenacidade.

Deixando a direção da Casa da Moeda, entrou na carreira diplomatica, como ficou dito, sendo nomeado ministro plenipotenciario de Portugal no Brasil, onde fez bom logar, sendo altamente estimado pela colonia portugueza. A sua saude, porém, não lhe permitiu por muito tempo a permanencia naquella país, cuja salubridade, então, deixava bastante a desejar.

Do Rio de Janeiro passou para Roma, como ministro junto do governo de Italia, onde se conservou até 1894, sendo, neste anno, transferido para Berlim, pouco tempo ali permaneceu por motivo de saude, voltando para Italia, onde o clima temperado lhe era mais favoravel.

Em fevereiro de 1897 foi reclamado para fazer parte de um ministerio organiado por Luciano de Castro, sendo-lhe distribuida a pasta dos negocios estrangeiros. Deixando, porém, este mi-



MATHIAS DE CARVALHO E VASCONCELLOS

nisterio, voltou para Roma, como ministro de Portugal, cargo que exerceu até á proclamação da Republica Portugueza.

Fez parte, como delegado diplomatico de Portugal, do Congresso reunido em Roma, em 1905, quando da fundação do Instituto Internacional de Agricultura, pelo rei Victor Manuel.

O illustre extinto era par do reino, socio da Academia das Ciencias e outras corporações scientificas e condecorado pelos governos portuguez e estrangeiros por seus serviços.

O governo da Republica enviou suas condolencias á viuva do falecido.

Motivos alheios á nossa vontade não permitiram que mais cedo prestassemos nossa homenagem saudosa á memoria deste bom portuguez.



VISCONDE DE S. BOAVENTURA

Visconde de S. Boaventura

Foi um portuguez que, por seu talento e trabalho, se elevou, Boaventura Gaspar da Silva Barbosa, agraciado com o titulo de Visconde de S. Boaventura.

Sabendo da patria, uma creança, foi para o Brasil, como tantos nossos compatriotas, dedicarse á carreira do commercio. Entretanto suas aspirações eram outras e tinha razão para isso' porque estudando e trabalhando com vontade, conseguiu entrar na imprensa fluminense, e, muito principalmente, no *Diario Mercantil* firmou sua individualidade e credits literarios, ao mesmo tempo que punha sua pena ao serviço da propa-

ganda portugueza no Brasil, com que muito utilisou a colonia.

Os seus meritos literarios valeram-lhe a distincção que o governo lhe conferiu.

Voltando a Portugal, aqui continuou a sua vida de publicista, com notavel distincção, sendo seus escritos sobrios de estilo, mas concisos.

O visconde de S. Boaventura era secretario do Conservatorio de Lisboa.

Nos ultimos annos, depois de uma vida de incessante luta, a doença avassalou-o, e mais se agravou seu estado com a morte de sua esposa, trazendo-lhe profundo desgosto ao resto de seus dias.

Faleceu, em Cintra, a 17 de novembro do anno findo, rodeado de seus filhos, que o estremeciam.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios. Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.
Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 - LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis